

A FORÇA DA VIDA

Giselda Laporta Nicolelis

Resenha

Edileusa é a mais velha dos seis filhos de Zefa, lavadeira que mora num barraco de favela. O sonho da menina é ser artista, porém o mais perto que pode chegar de um palco é como ajudante de Gringo, ou melhor, Borzeguim, o velho palhaço desempregado, que todos os dias diverte a criançada com seus espetáculos. Ao lado da favela, há uma escola. Edileusa morre de vontade de estudar; até aprende a ler com a ajuda de uma amiga. Mas escola, mesmo, nunca pôde frequentar: tem a casa para arrumar e os irmãozinhos para cuidar enquanto Zefa pega no batente todo dia nas casas ricas da Zona Sul. Zefa tem consciência de sua situação, mas não desanima: quer para os filhos um futuro melhor. Por isso deixa-se convencer quando Dona Guiomar, diretora da escola, insiste para que ela deixe Edileusa estudar. A menina exulta, mesmo sabendo do sacrifício que a escola lhe custará: acordar às 5 horas da manhã, preparar o almoço, deixar os pequenos aos cuidados de uma senhora vizinha. Tudo vale a pena. Ela adora a escola, principalmente a merenda.

Um dia, porém, ao voltar para casa, leva um susto: um dos irmãozinhos caíra no poço, e Borzeguim, para acudi-lo, atirara-se no poço também. É um corre-corre. Mais uma vez é Dona Guiomar que se mostra solidária, levando-os ao hospital. Quando Zefa chega do trabalho, recebe a notícia: o menino só quebrara as pernas, mas Borzeguim estava em coma. Ela corre para o hospital, e pela janela da UTI agradece ao velho palhaço. Só um milagre poderá salvá-lo.

Na história de Zefa e Edileusa estão presentes as graves e, infelizmente, rotineiras dificuldades das famílias brasileiras de baixa renda: precariedade de moradia e de alimentação, falta de assistência médica e social, exploração da mão de obra, enfim, todas as mazelas que parecem tornar a miséria um beco sem saída. Felizmente, como mostra o livro, existem pessoas solidárias – e o pouco que fazem pode alterar uma existência. Pessoas, adultos ou crianças, que acreditam no esforço, no trabalho digno, na perseverança, e, principalmente, pessoas cuja grandeza de alma ultrapassa as pequenezas da vida podem representar uma verdadeira luz no fundo do poço.

© Jean-Claude Alphen



Coordenação:
Maria José Nóbrega



 **Depoimento**

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Ler *A força da vida* nos transportou a um mundo tão distante, ainda que se passe aqui ao lado. Meus filhos andam pela cidade, veem pessoas em situação de pobreza com seus próprios olhos, mas o contato é superficial. Por isso, muitas questões trazidas pelo livro eles simplesmente não entendiam.

“Cadê o pai?” foi uma pergunta que apareceu ainda na primeira página. Eles sabem o que é viuvez, conhecem casais separados, mas o conceito de “viúva de marido vivo” deu nó em suas cabezinhas. Cozinhar, para eles, é uma grande diversão. Assim, a ideia de preparar uma refeição para a família, como faz Edileusa, pareceu um prêmio. Não ir para a escola a princípio lhes soou como férias eternas. Diversas vezes tive que parar e explicar por que tais situações eram um problema.

Um dos pontos mais duros é a perda da infância: Edileusa mal pode brincar. Mesmo a vitória de poder ir para a escola é parcial, pois ela acaba acumulando novas responsabilidades. Felizmente, desde que o livro foi escrito, há mais de 30 anos, o país conseguiu aumentar a presença de crianças de 10 anos na escola – um movimento retratado no livro. Mas quantas crianças ainda hoje têm de assumir responsabilidades de adulto depois da escola?

A narrativa é um chamado para que nós olhemos com maior atenção ao nosso redor. Sabemos como é a vida dos filhos dos nossos porteiros, faxineiras, entregadores de pizza, babás? Algum dia paramos para perguntar como vivem as crianças que são deixadas para que eles possam vir trabalhar? E será que podemos oferecer algo além de morangos?

O livro é triste, mas também mostra laços de solidariedade que unem as pessoas. Vemos que cuidar e se importar com as pessoas não depende de condição social ou ligações familiares. A humanidade pode estar em todos: na diretora, que se importa de verdade com as crianças; na merendeira, que deixa Edileusa levar doce para os irmãos; no taxista, que leva Zefa ao hospital; na própria menina, que se importa profundamente com os irmãos e, claro, no grande herói, o velho palhaço.

O palhaço Borzeguim é figura que quebra a lógica de tristeza e traz magia à realidade da favela,

acrescentando novos significados à existência das pessoas. Para mim, o texto dá a entender que Borzeguim morreu, mas é preciso respeitar o final é aberto. Aqui o papel do adulto é se conter para não dar respostas, permitir que as crianças interpretem do seu modo, sem certo ou errado. Até porque o último capítulo se chama Esperança.

 **Um pouco sobre a autora**

Giselda Laporta Nicoletis nasceu em São Paulo, SP, em outubro de 1938. Formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Publicou sua primeira história em 1972 e o primeiro livro em 1974. Foi então que descobriu seu verdadeiro caminho: a literatura infantil e juvenil, crianças e adolescentes. Sua obra abrange mais de cem títulos, entre livros infantis e juvenis, ficção, poesia e ensaio, publicados por trinta editoras, com centenas de edições e cerca de 5 milhões de exemplares vendidos. Exerceu também o jornalismo, em publicação dirigida ao público infantil e juvenil, e trabalhou como coordenadora editorial em duas coleções juvenis. Ao longo da sua carreira recebeu diversos prêmios, como Jabuti e APCA.

 **Leia mais****Da mesma autora**

- ✕ *Um dono para Buscapé*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Sempre haverá um amanhã*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Um sinal de esperança*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Amor não tem cor*. São Paulo: FTD.
- ✕ *Pássaro contra a vidraça*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Espelho maldito*. São Paulo: Saraiva.

Do mesmo assunto

- ✕ *Amarelinho*, de Ganymédes José. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Correndo contra o destino*, de Raul Drewnick. São Paulo: Ática.
- ✕ *Saudade da Vila*, de Luiz Galdino. São Paulo: Moderna.